



## CONCEIÇÃO EVARISTO E SUA ESCRITA PARA (IN)FORMAÇÃO DE LEITORES(AS)\*

### CONCEIÇÃO EVARISTO AND YOUR WRITING TO READERS (IN)FORMATION

Elisabeth Silva de Almeida Amorim<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe discutir a importância da literatura decolonial de Conceição Evaristo para formação, informação e transformação de leitores e leitoras na cidade de Iaçú, Bahia. Desse modo, a leitura do livro de contos *Olhos d'água* (2016) foi essencial para a prática da desconstrução do literário (Derrida, 2014) nas escolas municipais da Educação Básica. A mulher negra é invisibilizada por uma sociedade que dita padrões de beleza e comportamentos, porém, Conceição Evaristo, através dos contos, denuncia as faces das violências raciais, sendo o direito à vida uma luta incansável e contínua (Mbembe, 2016). O objetivo é divulgar as práticas transgressoras de leituras não canônicas para explorar as possibilidades de leituras para além do cânone. Formação de leitores e leitoras, investimento na literatura com protagonismo negro e quebra de preconceitos são alguns resultados obtidos dos encontros pedagógicos.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo. Escrita transgressora. Educação básica.

**Abstract:** This article proposes to discuss the importance of Conceição Evaristo's decolonial literature for the formation, information and transformation of readers in the city of Iaçú, Bahia. Thus, reading the book of short stories *Olhos d'água* (2016) was essential for the practice of deconstructing the literary (Derrida, 2014) in municipal schools of basic education. The black Woman is made invisible by a Society that dictates standards of beauty and behavior, however, Conceição Evaristo, through the stories, denounces the faces of racial violence, with the right to life being a tireless and continuous struggle (Mbembe, 2016). The objective is to disseminate the transgressive practices of non-canonical readings to explore the possibilities of readings beyond the canon. Training of readers, investment in literature with black protagonism and breaking of prejudices are some of the results obtained from pedagogical meetings.

**Keywords:** Conceição Evaristo. Transgressive writing. Basic Education.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da UNEB. Grupo de pesquisa: Língua(gem) e Crítica Cultural. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0617-7398>. E-mail: [mrs.bamorim@yahoo.com.br](mailto:mrs.bamorim@yahoo.com.br).

\* Artigo recebido em 15 de junho de 2022. Aceito para publicação em 25 de novembro de 2022.

## Introdução

Há momentos na vida que a prática usada habitualmente não atende o objetivo proposto, é preciso ousar, romper com a tradição para obter resultados diferentes e satisfatórios. E na educação não é diferente, para ampliar as discussões de gênero, discriminação racial e denúncias de violências contra a mulher, investimos na literatura da escritora mineira Conceição Evaristo.

Através de contos de Conceição Evaristo conhecemos narrativas de mulheres anuladas, discriminadas, histórias cruzadas de muitas mulheres pretas que são julgadas e condenadas pela cor da pele. Quando propusemos trazer para a mesa a escrita transgressora do livro “Olho d’água”, de Conceição Evaristo (2016), combatemos alguns preconceitos, quebramos alguns tabus e fomentamos o Dia “D” da Leitura de Conceição Evaristo em todas as escolas da rede municipal na pequena cidade de Iaçú, Bahia. Há textos literários que não estão em nossas bibliotecas, nem nos livros didáticos, há negros e negras morrendo a cada hora por conta da discriminação racial, há muitas vítimas de balas perdidas por falta de segurança pública, há um grito de resistência ecoado das literaturas decoloniais, e por conta desse grito este texto se justifica.

Este artigo tenciona discutir a importância da literatura da escritora Conceição Evaristo para a formação, informação e transformação de leitores e leitoras no município de Iaçú, estado da Bahia. Por conseguinte, a metodologia utilizada se deu a partir dos encontros formativos e informativos com coordenadores pedagógicos municipais, oficinas de leituras e desleituras de contos de Conceição Evaristo, palestra e implementação de momento cultural nas escolas para socialização de resultados. Pensando nas táticas de desmontagem do literário conseguimos diminuir as resistências fazendo com que mais leitores se interessem pelas obras de Conceição Evaristo, a escritora mineira, nascida numa favela da Zona Sul de Belo Horizonte, Mestre em Literatura Brasileira (PUC/Rio) e Doutora em Literatura Comparada (Universidade Federal Fluminense).

O livro de contos Olhos d’água, de Conceição Evaristo, desde 2014, ano da primeira publicação, chama a atenção por conta da escrita forte em que o cenário protagonizado por pessoas pretas e pobres, traz a marca da violência e morte. Desse modo, este texto foi estruturado em três seções a saber: A primeira, “Olhos d’água, de Conceição Evaristo, e as diferentes faces da violência racial”, na qual os contos Ana Davenga, *Duzu- Querença e Maria* servirão de estudos críticos culturais para explorar as invisibilidades da mulher pobre. A segunda seção “A desmontagem literária de contos de Conceição Evaristo” - a partir da junção Literatura e Semiótica foi possível multiplicar os sentidos dos textos e atrair mais leitores para os contos em discussão, assunto enfatizando nesta seção. Por fim, a terceira seção “Rompendo o preconceito: Dia D de Conceição Evaristo para todas as idades” – trata-se da

socialização da culminância do projeto de leitura de contos de Conceição Evaristo desenvolvido durante dois meses na cidade de Iaçú, no ano de 2018, com abordagens para os pontos positivos e negativos. A literatura de Conceição Evaristo ao circular nas escolas causa desassossego, porque inquieta e puxa algumas máscaras raciais. Seguimos.

### **Olhos d'água, de Conceição Evaristo, e as diferentes faces da violência racial**

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia.  
(João Cabral de Melo Neto, 1955)<sup>2</sup>

Ao pensarmos na quantidade de textos literários em prosas ou em versos que dramatizam a morte, o poema “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, adaptado para o cinema, teatro, animação entre outros, mostra o quanto os retirantes padecem do mesmo problema; uma vida de restrições e mortes atravessam o caminho. No entanto, deixemos os versos para outra ocasião, e focaremos na prosa crítica, forte e inigualável oriunda das escrevivências da escritora Conceição Evaristo.

Maria da Conceição Evaristo de Brito ou simplesmente Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte em 1946, linguista e escritora, autora de Ponciá Vicêncio (2003), Becos da memória (2006), Insubmissas lágrimas de mulheres: contos (2011), Olhos d'água (2014), Canção para ninar menino grande (2018) entre outros. Ainda, discutiremos “Olhos d'água”, lançado pela primeira vez em 2014, trata-se de um livro composto por quinze contos, nos quais a invisibilidade, a morte, a discriminação racial são marcas das narrativas. A morte aqui, refere-se a perda afetiva e/ou definitiva de alguém, por consequência do preconceito racial e a ausência de empatia. Mbembe (2016) no ensaio sobre a necropolítica diz:

Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classe), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e as práticas das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros - ou dominá-los (MBEMBE, 2016, p. 128).

<sup>2</sup> João Cabral de Melo Neto (1920-1999), poeta brasileiro, pernambucano, publicou o livro de poemas regionalista em 1955. O poema retrata a dramática vida de um retirante nordestino que convive com a morte constantemente ao longo da jornada, mesmo assim, diante do espetáculo do nascimento de uma criança, celebra a vida.

Sem dúvida, há uma política de morte ceifando vidas, alicerçada por um poder soberano permeado de mecanismos e tentáculos capazes de imobilizar, dominar e alienar o ser. No conto Ana Davenga, de Conceição Evaristo (2016, p. 21-30), por exemplo, a criança que estava na barriga de Ana não teve direito à vida, a mãe, no dia do aniversário de vinte e sete anos de idade foi metralhada pela polícia, juntamente com o pai Davenga. Nas palavras da autora: “Na favela, os companheiros de Davenga choraram a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga”. Davenga acumulava crimes, mas não há indício sobre o caráter de Ana. Por que Ana não foi poupada? A ficção e realidade se encontram na escrivência de Evaristo.

Outro conto que traz a mulher como protagonista é Duzu-Querência (p. 31-37), mais uma vez com a presença da morte no contexto da narrativa. Uma morte física e a simbólica marcada pela negação social do ser. Duzu-Querência era uma mendiga que morre nas escadarias de uma igreja, como se não fosse ninguém. A história de Duzu se assemelha com a de tantas outras mulheres que deixam a casa dos pais com a promessa de estudos, mudança de vida, mas são cooptadas para a prostituição ainda criança. Para Duzu, os nove filhos não foram suficientes para livrá-la da mendicância. A negação do outro é bem presente desde os primeiros parágrafos,

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficando presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho (C. E. p. 31).

A mendiga poderia “atrapalhar” as pessoas que transitavam nas proximidades da igreja, muitos, provavelmente, buscavam na religião uma “paz espiritual” para alma, enquanto na porta da igreja não notavam os mendigos, como Duzu, uma mulher usando trapos, faminta e sofrida. Provavelmente, diferente daquela criança que fora usada precocemente para o sexo. E desde cedo não passava de um corpo violentado pelos cafetões, parceiros e vida. Duzu-Querência aprendeu a conviver com a dor, buscando nos sonhos a razão para a sobrevivência. Isso porque,

Estava chegando a época em que sofrer era proibido. Mesmo com toda a dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago, com o frio rachando a pele de muito, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer (Evaristo, p. 35).

Para muitas mulheres que moram em favelas “sofrer é proibido”, pois elas convivem com viver-morrer diariamente. E essa vida-morte serve de inspiração

para escritora como Conceição Evaristo, que também traz a experiência de ter vivido em uma favela em Belo Horizonte. Enquanto a protagonista Ana Davenga é assassinada pela polícia, Duzu-Querência é morta silenciosamente pela própria sociedade. A prostituição infantil é uma forma de matar a criança lentamente, e a ausência do poder Estado faz com que situações semelhantes a ficcional sejam repetidas em nossa sociedade.

E quando falamos da morte, retomamos Mbembe que busca em Hegel fundamentação sobre o tema e contribui assim:

A concepção da morte, para Hegel, está centrada num conceito bipartido de negatividade. Primeiro, o ser humano nega a natureza (negação exteriorizada no seu esforço para reduzir a natureza a suas próprias necessidades); e, em segundo lugar, ele ou ela transforma o elemento negado por meio de trabalho e luta (MBEMBE, 2016, p. 125).

E essa negatividade atrelada a concepção de morte é muito constante nos contos de Evaristo, no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a protagonista não aceita os três primeiros filhos por não ter planejado nenhuma gravidez, com isso, os filhos ao nascerem são rejeitados. Natalina ao engravidar na adolescência, opta pela fuga, e de certa forma, a criança ao ser entregue a enfermeira, deixa de existir para a mãe. De modo semelhante acontece com a segunda gravidez, dessa vez, é o pai quem carrega a criança. Os padrões assumem o terceiro filho, ignorando totalmente a mãe, que cedeu a barriga e o corpo ao padrão, para gerar a criança. Somente, na quarta gravidez, vítima de estupro, Natalina, sente que aquele seria o seu filho desejado. Uma contradição, igual a própria vida marcada pelas violências sofridas.

Um outro conto marcante é “Maria”, trata-se de uma empregada doméstica que é morta por populares num coletivo. Maria (p. 39-42) traz o retrato de uma violência urbana gritante, onde não há segurança nos transportes públicos, todos os dias muitos são vítimas de furtos e roubos. Maria, a mulher negra, vítima da discriminação racial, econômica e social é linchada até a morte, como muitas outras “marias” são mortas diariamente, porque ousou conversar com alguém, ou desistir de um relacionamento abusivo, talvez, ou por ser “Maria” ou “Marielle” e defender os direitos da mulher negra. O viver-morrer era uma realidade, no entanto, o medo de Maria não era o lado da morte, nem dos assaltantes, mas da vida. Uma vida de sofrimento, injustiça, invisibilidade, preconceito e morte. Das asperezas da vida, Maria ouve: “Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho” (Evaristo, p. 41).

As violências contra “Maria” aparecem em toda narrativa para diminuí-la. Em “puta safada”, “negra safada”, negra atrevida”, “lascando um tapa no rosto”, “voando em cima de Maria”, “lincha” entre outras marcas de violências contra a

mulher. Isso porque “quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.” (idem, p. 42). O fato dela não ter sido roubada como os demais passageiros, não a torna “puta”, nem “safada”, o sistema capitalista contribui para invisibilizar uma trabalhadora como Maria, porque,

Embora se possa dar a mulher uma excelente preparação técnica, o sistema capitalista não lhe oferece uma socialização capaz de determinar sua personalidade como trabalhadora, em sua integridade. Não se forma na personalidade feminina a totalidade dos componentes que transformam um membro da sociedade em um trabalhador adaptado ao esquema produtivo do capitalismo (SAFFIOTI, 1984, p. 23).

Os contos apresentados descrevem as faces da violência contra a mulher negra, pobre, geralmente moradora de um barraco, menina-mulher que aos treze anos engravida, apanha dos cafetões, dos clientes, apanha diariamente da vida. “Ana Davenga”, “Duzu-Querência” e “Maria” morrem diariamente nas camas de seus parceiros, nas escadarias das igrejas ou nos transportes públicos, fazendo parte da estatística de violência contra as mulheres negras. No entanto, não podemos esquecer das “Natalinas” que naturalizam os abusos dos patrões e em nome da sobrevivência, “aceitam” a exploração e discriminação racial. Vejamos a seguir como alguns contos de Conceição Evaristo foram desmontados na Educação Básica.

### **A desmontagem literária de contos de Conceição Evaristo na Educação Básica**

Quando olhei para Maria  
Vi os olhos rasos d’água  
Era muito sofrimento  
que doía até a alma.

Muitos filhos tinham Maria  
Era sofredora de montão  
Acordava cedo para labuta  
Para servir o seu patrão.

De volta para sua casa  
Sofreu uma decepção  
O pai do filho que tanto amava  
Era assaltante de arma na mão.

E temendo pela vida  
Maria argumentou  
Os agressores sem piedade  
Maria crucificou.

Quando o sangue do seu corpo  
Espalhou-se pelo chão

Não teve jeito, não teve não  
 O corpo morto foi para o caixão.  
 (Paródia Maria<sup>3</sup> – Asa Branca)

É imprescindível investir na formação do professor para que a leitura chegue até os alunos, e quando falamos de desmontagem de contos da escritora Conceição Evaristo os investimentos são maiores, porque não há livros da escritora em nossas bibliotecas. O primeiro passo para aplicarmos a desmontagem é o conhecimento, só desconstruímos, só multiplicamos e espalhamos a literatura quando a conhecemos. Isso porque desmontar, não é destruir, pelo contrário, é investir na leitura, releitura, desleitura para ampliar o texto lido, relido e deslido, a fim de que ele atinja um público maior.

Sem sombra de dúvidas, muitos professores não conheciam a literatura de Conceição Evaristo, pelo menos com a amplitude que demos a escrita dessa escritora. E quando iniciamos com a Paródia Maria, baseada na música Asa Branca, de Luiz Gonzaga, significa dizer que os coordenadores pedagógicos, responsáveis pela leitura e apresentação do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, captaram a mensagem central do conto e repassaram em forma de canção. O conto passou de uma série discursiva para outra, a mulher foi marginalizada, violentada e pisoteada num transporte público, e os versos finais trazem as consequências da violência contra a Maria que “Não teve jeito, não teve não/ o corpo morto foi parar num caixão”.

E mais uma vez recorremos a Mbembe (2016), agora fundamentado em Bataille para falar sobre a morte, essa morte que captura a vida, assim como aconteceu com “Maria” durante a volta do trabalho para cuidar dos filhos, o direito à vida lhe foi negado por pessoas, assim como ela, usavam o transporte público. Percebemos o quanto as violências vão se naturalizando, conseqüentemente, ninguém está imune, e parceiros e parceiras se sentem no direito de praticar a justiça com as próprias mãos, buscando o mais fraco para exteriorizar o ódio. “Para Bataille, a vida é falha apenas quando a morte a toma como refém. A vida em si só existe em espasmos e no confronto com a morte” (*idem*, p. 125).

Os contos foram para além da música, cada equipe utilizou um gênero discursivo diferente para socializar a leitura através de cartazes, poesias, charges e peça teatral. Eis a desmontagem literária! A formação dos coordenadores iniciou com a palestra da escritora Conceição Evaristo, na Feira Literária de Mucugê/Fligê. Assim, a mobilização foi feita através de Secretaria Municipal de Educação e Prefeitura Municipal de Iaçu para proporcionar a participação presencial de trinta

<sup>3</sup> Texto produzido Coordenadores Pedagógicos da rede municipal da cidade de Iaçu, Estado da Bahia. Em oficina “Olhos d’água” - Leitura e Escrita Criativa de Contos de Conceição Evaristo, formação promovida pela Secretaria Municipal de Educação, realizada em 05 de setembro de 2018. Disponível em: <https://toquepoetico.wordpress.com/2018/09/11/4370/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

e três professores. Cada professor(a) participante, serviu de multiplicador da literatura de Conceição Evaristo, e através de táticas inventivas, os textos foram sendo apropriados e multiplicados, com ajuda das redes sociais, as produções dos professores/ coordenadores pedagógicos eram socializadas.

Para Certeau (2018) tática é arte do fraco, sem local definido, com isso podemos afirmar, através de táticas criativas, inventamos o cotidiano literário. Com o conto “Olhos d’água” conseguimos o poema “Olhos d’água”, tática utilizada pela professora autora para fazer com que o texto chegasse até a educação infantil.

Mulher com sete filhas  
Sofredora que só ela  
Tinha uma vida muito difícil  
Morava em uma favela

Todos os dias de sua vida  
Lavava e passava roupa de montão  
Como ganhava pouco dinheiro  
Faltava comida, frutas não tinha não.

Para enganar a fome das filhas  
Fecha os olhos! A mãe pedia.  
Uma nuvem do céu, de algodão doce fingia  
E na boca das filhas conduzia.

O algodão doce era comido com alegria  
Sem poder abrir os olhos, senão a comida sumia.  
Pois a mágica era bem rápida.  
E demorar, a rainha não podia

A filha chamada Conceição  
Abria os olhos devagarinho  
Para ver o algodão doce  
Ou se tinha outra comidinha...  
(Fragmentos da poesia Olhos d’água)<sup>4</sup>

Através do poema criado foi possível levar a desmontagem do conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo para Educação Infantil, e a exploração por etapas ocorreu partindo das letras que formam o nome “Conceição Evaristo”. Levando para a escola imagens de favelas, notícias de jornal, atividades lúdicas e artísticas para associar a literatura de Conceição Evaristo a outras artes. Assim como o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” foi desconstruído e transformado em cantiga de roda parodiando o “Ciranda Cirandinha”, também, amplamente trabalhado com as crianças, principalmente na construção de brinquedos. A título de amostragem podemos conferir mais um fragmento:

---

<sup>4</sup> Olhos d’água é conto que intitula o livro de Conceição Evaristo. O mesmo, após leitura e discussão foi transmutado para a poesia com o mesmo título, de autoria da pedagoga Janildes Luz, coordenadora da Educação Infantil. Disponível em: <https://toquepoetico.wordpress.com/?s=Olhos+d%27%C3%A1gua>. Acesso em: 23 abr. 2022.



Eram duas meninas pobres  
 Que gostavam de brincar  
 Elas eram irmãs gêmeas  
 A Zaita e a Naita.  
 ...  
 Uma flor da coleção  
 Zaita guardava,  
 “Essa figurinha é minha!”  
 Dizia sua irmã danada.  
 ...  
 Ao ver a menina sair  
 O lobo mau a seguiu  
 Logo sua irmã gritou  
 Zaita, volte logo, por favor!<sup>5</sup>

Os contos de Evaristo são preciosos, e a literatura associada a semiótica como defende Barthes (2001) faz girar saberes. O quanto a intersemiose nos ajudou a propagar narrativas que traçam perfis da nossa realidade, não é por acaso que a autora utiliza o vocábulo *escrevivência*, e afirmar que não escreve para agradar a elite “da casa grande”, mas para inquietar, refletir, reler e desler. A *semiosis* defendida por Barthes, é uma força de liberdade de literatura, capaz de multiplicar os sentidos do signo e/ ou texto. E com a *desmontagem literária* que promovemos com os contos de Conceição Evaristo os sentidos são multiplicados a fim de atrair novos leitores. Em situações comuns, acreditamos que os textos apresentados, sem passar pelo processo de *desmontagem literária*, dificilmente, entrariam em escolas infantis. E toda a metodologia utilizada para atrair o público se voltou para confecção de brinquedos, jogos de figurinhas, personificação da violência através do “lobo mau”, sem esquecer a intertextualidade com “Chapeuzinho Vermelho (Charles Perrault /Irmãos Grimm) montagem de favela na escola, grafite, entre outros recursos pedagógicos.

Levar os contos de Conceição Evaristo para todas cinquenta e seis escolas da rede municipal não foi uma tarefa fácil, mas a educação precisa de mudança, e sem leitura, nada de novo acontece. Há muita vida exalando das favelas, há muita arte, cultura, literatura e pessoas lutando para não serem invisibilizadas. E das favelas, dos becos das memórias saíram Carolina Maria de Jesus e a nossa homenageada Conceição Evaristo. Passemos para o momento de socialização dos resultados obtidos.

<sup>5</sup> Fragmentos da Paródia do conto “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”

## Rompendo o preconceito: Dia D de Conceição Evaristo para todas as idades

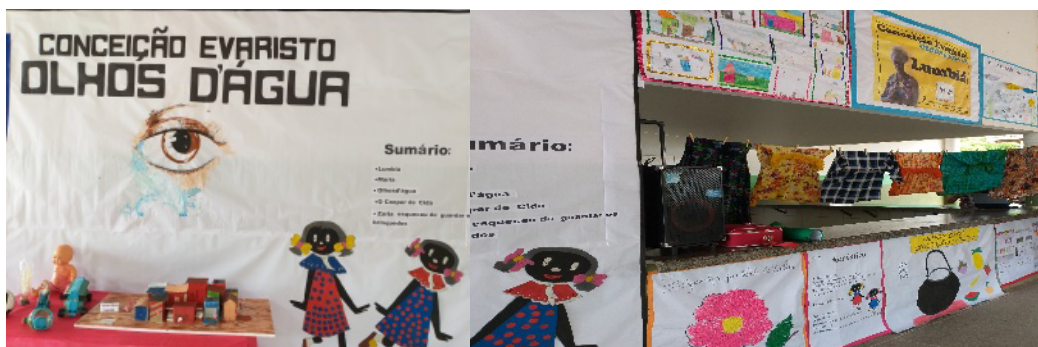
Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez, agora, a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos (BARTHES, 2001, p. 47).

Barthes ao propor fugir da palavra gregária para ir além e buscar novos sentidos, de certa forma ele investe na fuga dos estereótipos, geralmente, “grudados” nos signos. Desse modo, desaprender, desmontar, desconstruir um signo literário, por exemplo, poderá ser o caminho a ser percorrido para descoberta de outros. Em nenhum momento a desmontagem literária é vista como única opção para levar textos com temáticas fortes para as escolas de Ensino Fundamental, porém com a prática da desconstrução foi possível criar um Dia “D” de Conceição Evaristo, na pequena cidade de Iaçú e propagar a sua literatura em todas as escolas da rede municipal.

O desconhecido assusta, apesar das mulheres retratadas nos contos de Conceição Evaristo desempenharem funções sociais, geralmente, não são notadas socialmente, a não ser como alvo da violência. Um dos pontos analisados pelos coordenadores foi justamente trabalhar as violências contra a mulher nas séries iniciais. Durante o processo, professoras mais envolvidas, encontraram as respostas nas desmontagens literárias, através das próprias produções adaptadas, preferimos o termo “desmontadas”, porque lemos e relemos o texto para que ele seja desmontado para atender um público maior. Pereira (2018), chama a atenção do ativismo de mulheres, na comunidade quilombola do Saquinho, mesmo quando a sociedade insiste em não as notar. E vimos a mudança de comportamentos de professoras à medida que se envolviam com o projeto. Talvez, porque “Todas as atividades desempenhadas pelas mulheres trazem no seu bojo densos significados sociais, culturais de força e poder. Desse modo, as práticas sociais e culturais dessas mulheres podem fazer delas independentes, empoderadas e líderes” (PEREIRA, 2018, p. 80).

Como Conceição Evaristo transitou pelas nossas escolas públicas? Podemos dizer que não houve uma escola municipal que não tenha parado para ler, discutir, encenar, dançar, pintar a literatura. O Dia D da Leitura de Conceição Evaristo foi uma festa! Vale ressaltar que as ações metodológicas todas foram amplamente divulgadas nos espaços virtuais, vídeos da culminância ocorrida nas escolas da sede, dos distritos de João Amaro e Lajedo Alto e nas escolas da Zona Rural e do Campo estão disponíveis no You tube, no canal Toque Poético.

Foto 01



Fonte: Autora

A figura 1 traz as imagens do cenário da Escola “A”, localizada em Iaçú, e se percebe que todo um cenário foi montado para a contação de histórias, declamação de poemas, danças, jograis. A desmontagem literária dos contos do livro “Olhos d’água atende o Fundamental I e II com grande sucesso. Todos e todas que não conheciam as produções da escritora mineira Conceição Evaristo, a partir da implementação do projeto, passaram a conhecê-la, inclusive há professores que tiveram a oportunidade de conversar com a própria autora no evento ocorrido na cidade de Mucugê.

Foto 02



Fonte: Autora

Foto 03



Fonte: Autora

As escolas infantis não ficaram de fora, muitas atividades lúdicas foram desenvolvidas durante todo o processo de execução do projeto, mas percebe-se que na figura 2, a Escola “B” conseguiu envolver estudantes portadores de necessidade especial e, “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, “Lumbiá” e “Olhos d’água” foram os contos escolhidos durante o período de duração do projeto, nas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Já na figura 3 temos o cenário da Escola “C”, ele chama a atenção porque há uma representação da “Conceição Evaristo”, bem interessante, pois oportunizou aos alunos dialogarem com “Conceição” após assistirem as apresentações de danças, poesias, encenações. Escola “C” está localizada no distrito de Lajedo Alto, assim, ratificando a amplitude do projeto de leitura desenvolvido na cidade de Iaçú.

Foto 4



Fonte: autora

Se tudo começou numa favela, por que não levar a favela para a escola? Da favela saiu Conceição Evaristo! Na figura 4 temos a Escola “D” com mais um belo cenário. A Escola “D” está localizada na sede, atende o Ensino Fundamental I e II, foi mais uma que apresentou danças, poesias de Evaristo, peça teatral “Maria”, enfim, abraçou também o projeto de leitura. Como diz a professora Dra. Jailma Moreira é preciso se reinventar a cada dia, parece que nós conseguimos, quando implementamos um Dia “D” da leitura em todas as escolas da rede municipal de Iaqu. A preocupação sobre as violências contidas nos contos, deixaremos que a própria Conceição Evaristo responda: “A gente combinamos de não morrer”<sup>6</sup>. A violência não está nos contos, a violência está em casa, na rua, nos transportes públicos, nos restaurantes, os contos são ficcionais, mas a morte de Marielle Franco<sup>7</sup>, não foi ficção! E tantas outras mulheres, às vezes, invisíveis nas escadarias das igrejas, porém visíveis nos murais das escolas.

### Fechando o livro e... Olhos d'água

Cida abandonou o calçadão e encaminhou-se para a areia. Sentiu necessidade de arrancar os tênis que lhe prendiam os pés e deixou aquelas correntes abandonadas ali mesmo. Afundou os pés na areia e contemplou mais uma vez o mar (EVARISTO, 2016, p. 68).

Assim como Cida, do conto “O cooper de Cida” (p. 65-70), várias mulheres esquecem de si e executam as atividades como robôs. E neste conto traz a mulher que desempenha mil e uma funções, até um dia ela resolve apreciar a paisagem e enxergar-se como mulher, provavelmente, pela primeira vez. E a pesquisa nos leva a tais caminhos, antes intransitáveis. E quando “Cida” se livrou “das correntes”, sentiu-se livre, viva, mulher.

Há quem defenda que a desconstrução literária poderá prejudicar o prazer da leitura e circulação do texto original, mas defendemos o oposto, a desconstrução ajuda na circulação do texto e o nome do autor é amplamente divulgado. Porque falar da literatura não tem como buscar uma essência, nem um significado único da realidade. Derrida (2014, p. 15), diz: “... o literário se opera por significações e referências parciais e mediadas para com o real. A essência da literatura é mesmo não ter essência alguma, rasurando e deslocando a pergunta metafísica “o que é?”, em proveito de um espaço irreduzível a qualquer ontologia”.

<sup>6</sup> Título de conto de Conceição Evaristo, p. 99-109.

<sup>7</sup> Marielle Francisco da Silva (1979-2018), socióloga e política, assassinada em 14 de março de 2018.

E assim, vamos defendendo as práticas de desmontagens do literário que acontecem nas escolas públicas, muitas vezes, distantes dos espaços acadêmicos. E o livro “Olhos d’água” de Conceição Evaristo foi dialogado com outras artes e para diferentes públicos. E as produções estudantis romperam os muros das escolas, ganharam os espaços virtuais, as ruas, os jardins, porque cada escola quis mostrar para a sociedade o quanto estava contente com os resultados obtidos. É possível dialogar com a literatura e a semiologia, e promover uma festa literária em todas as escolas. E fazer com que as “Cidas” acordem dentro de cada mulher. Isso porque,

Hoje ela não iria trabalhar, queria parar um pouco, não fazer nada de nada talvez. E só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela (*idem*, p. 70).

Há muito a ser discutido, pesquisado e desmontado para que chegue ao maior número possível de leitores. Com o projeto muitos professores adquiriram livros da escritora Conceição Evaristo, e outro ponto positivo foi conhecer o talento artístico de muitas professoras que publicaram nos espaços virtuais as produções desmontadas dos contos lidos. Porém, diante do aprendizado adquirido pelos nossos estudantes da Educação Básica o projeto cumpriu o seu objetivo.

## Referências

AMORIM, Elisabeth S. A. Literatura em movimento e a transformação de leitores(as). **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana, GEPIADDE/UFS, v. 34, n.1, p. 73-85, jul - dez de 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/16617>. Acesso em 26 mai. 2022.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Leyla Perrone - Moisés. São Paulo: Cultrix. 2001. Pronunciada em 7 de Jan/ 1997.

CERTEAU, Michel de. 2018. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 3 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação da Biblioteca Nacional, 2016.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**: revista do PPGAV. Rio de Janeiro, UFRJ, n. 32, dez 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Narrativas de Rachel de Queiroz: modos de recontar, modos de (re)inventar-se. **Revista Diadorim**. Rio de Janeiro, UFRJ, Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3908>. Acesso em: 26 abr. 2022.

PEREIRA, Áurea da Silva. As memórias autobiográficas: o lugar das mulheres do Topa na comunidade do Saquinho. PEREIRA, Aurea da Silva. **Letramentos, empoderamentos e aprendizagens**, 2018, p. 25-84.

SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher brasileira: opressão e exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SEIDEL, Roberto Henrique. **A materialidade do texto na contemporaneidade**: deslendo os conceitos de autor, leitor e obra. In: FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina(org.) **Desleitura: o autor e o leitor no jogo do texto**. Curitiba: Appris, 2020.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Escritoras subalternas negras: Por que incluí-las nas aulas? **Revista Fórum identidades**, Itabaiana, GEPIADDE/UFS, v. 19, n. 1, set-dez, 2015.